

Apenas 30% dos rapazes e 44% das raparigas que tiveram as suas primeiras experiências de cópula no ano em que os entrevistámos usaram um método contraceptivo seguro. E um terço dos rapazes mais experientes e um quarto das raparigas não usaram nenhum contraceptivo, ou um método muito pouco seguro. Por isso não se surpreendam quando 57% dos rapazes e mesmo 70% das raparigas dizem conhecer por experiência própria o medo de uma gravidez não desejada. É pois claro que a informação acerca da contracepção não conduz automaticamente a um uso efectivo dos contraceptivos.

Especialmente para as raparigas, uma certa dose de experiência e um sentimento de confiança estão relacionados com um uso mais efectivo dos contraceptivos. E quanto mais duradoura for uma relação íntima, mais probabilidade haverá de um uso efectivo dos contraceptivos. Os rapazes e raparigas que aprenderam a controlar as suas experiências estão mais abertos para os programas contracepcionais do que aqueles que só têm um conhecimento teórico e factual dos contraceptivos e da sexualidade.

Além disto, a situação em que os jovens se encontram nas suas experiências sexuais exerce uma influência negativa sobre um uso efectivo dos contraceptivos.

Mais de metade das raparigas e dos rapazes dizem nem sempre conseguirem fazer amor quando ambos os companheiros o desejam, porque se encontram em circunstâncias inadequadas e no lugar errado.

Uma conclusão parece certa: Na nossa sociedade, tanto os rapazes como as raparigas não são encorajados a experimentar a sua própria sexualidade.

O ADOLESCENTE E A FAMÍLIA

Dra. Maria Emília Costa

Ao longo de toda a vida de um indivíduo, a adolescência é o período mais crítico, uma vez que há uma tarefa penosa a aprender – o como lidar com energias sexuais e emoções de tal forma que sejam socialmente aceitáveis por um lado, e auto-compensatórias por outro. Esta tarefa do adolescente é sem dúvida bastante mais difícil do que qualquer outra, porque a orientação do adulto não é uniforme e efectiva. O adolescente necessita de uma informação precisa e factual acerca da sexualidade.

Hoje, num período aparentemente evoluído, quando podemos encontrar literatura sobre a sexualidade infantil e sobre a maturidade sexual dos jovens, os pais continuam a ser invariavelmente apanhados de surpresa, como se não estivessem preparados para este facto natural. Olham as primeiras manifestações do impulso sexual como algo que não é para levar a sério: "jogos de crianças".

Só o desenvolvimento das características sexuais secundárias a ocorrência do fluxo menstrual, as emissões de sêmen, fazem com que a família, embaraçosamente tome consciência do novo objecto sexual que tem ao seu lado. A sua resposta varia com a forma como é aceite a sexualidade – o silêncio ou a banalização. Muitos pais vêem nesse acontecimento a consumação do seu próprio desenvolvimento psicosexual, outros sentem uma lasciva curiosidade gozando a incompetência do jovem outros ainda muito reprimidos reagem com desgosto à mínima manifestação de emoções eróticas.

A sexualidade tem um papel importante no processo e desenvolvimento e por isso não deve ser descurada: as atitudes e comportamentos do adolescente em relação à sexualidade varia com o seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Desde a negação da realidade, passando pela romantização até à atitude realista e orientada para o futuro, são as etapas pelas quais o adolescente passa.

Um comportamento sexual responsável pressupõe uma capacidade para tomar decisões, exige aptidões específicas necessárias para avaliar as influências e os resultados dos seus comportamentos.

Sabemos que o adolescente não tem acesso fácil à informação que necessita e nem sempre o seu desenvolvimento cognitivo lhe permite uma análise e uma síntese correcta dessa informação. Poucos são os adultos capazes de falar da actividade sexual ou da contracepção, quer por ignorância quer por incapacidade de aceitar a sua própria sexualidade. O adulto não pode ajudar a encontrar a maturidade sexual quando ele próprio não a tem e nem sequer possui conceitos definidos sobre a atitude e comportamentos da sexualidade em geral.

Uma informação pouco objectiva induz no adolescente ideias erróneas: "não fica grávida porque é muito nova", "porque tem relações sexuais esporadicamente", "porque tem relações num período do mês em que pensa não haver problemas".

Pensar que os outros significativos estão tão preocupados com ele como ele próprio é um pensamento comum nos adolescentes. Sabe que a sua actividade sexual não é bem aceite, evitar a contracepção protege-o da censura imediata, visto que a gravidez é apenas hipotética. Acredita que tudo acontece aos outros e nunca a si e não são invulgares neles as fantasias de esterilidade. Estas formas de pensamento egocêntrico permitem-lhe encontrar soluções simples para as suas necessidades.

Se a gravidez ocorre durante a adolescência o processo de identidade torna-se difícil. A adolescente vai ter necessidade de enfrentar tarefas relacionadas com a gravidez e maternidade. A gravidez obriga a uma dependência do mundo adulto, o que gera conflito quando os esforços do adolescente vão no sentido de uma independência.

A maternidade exige que a adolescente se entregue, isto quando ela ainda não aprendeu o sentido da intimidade psicossocial. As suas relações com os companheiros são também importantes para o processo de identidade, ora a gravidez perturba este relacionamento, há uma maior tendência para a inactividade e para a solidão.

A forma como a sexualidade é aceite está intimamente ligada com o contexto cultural no qual é aprendida. Embora os papéis sexuais tenham sofrido mudanças, o silêncio e a repressão continuam a ser ainda norma. A adolescente pensa ainda que ser amada e desejada significa ser passiva, portanto planear a sua actividade sexual implica desejar e isso não está de acordo com a passividade que lhe compete.

São estas normas sociais que definem qual a informação sexual a ser transmitida. A família preocupa-se fundamentalmente que o adolescente tenha conhecimentos anátomo-fisiológicos da sexualidade, gravidez accidental, aborto e doenças venéreas, menosprezando o papel da área sexual no desenvolvimento psicológico e social da jovem. A atitude dos pais é de primordial importância se percebermos a necessidade de uma informação mais individualizada. Contudo não podemos esquecer que é exactamente no contexto familiar que vamos encontrar um maior número de variáveis que dificultam ao adolescente assumir a sua sexualidade como criativa e normal.

A mulher frígida, psicosexualmente infantil quer manter o seu status assexual não só para ela mas também para os seus filhos. Não quer perceber os primeiros indícios da puberdade rejeitando qualquer forma de heterossexualidade adulta, não se perturbando contudo com as manifestações de tendência homossexual do adolescente, nem com qualquer sintoma indicativo de fixações orais ou anais e interesses incestuosos. Estas mães têm tendência a exacerbar uma ternura patológica ao filho imaturo o que dificulta ainda mais a este adolescente sair da sua confusão de identidade.

Incapaz de aceitar a sua feminilidade a mulher frígida recusa o desenvolvimento sexual da sua filha adolescente. Com os primeiros indícios da puberdade estabelece-se um conflito dinâmico filha/mãe tornando-se esta objecto de hostilidade. Não pode e não quer que a sua filha se transforme numa mulher, a identidade sexual desta reaviva o problema da sua própria identidade.

Para qualquer criança é difícil superar ao longo do seu desenvolvimento as inibições neuróticas dos seus pais, mas em nenhum nível é tão claro

como no desenvolvimento da sua identidade sexual. A transição de criança "asexual" a adolescente sexuado vai pôr à prova a maturidade psico-sexual do pai e consequentemente vai interferir na relação pai/filho. A criança a quem o pai podia manifestar abertamente carinho torna-se agora um objecto sexualmente estimulante e objecto de fantasias incestuosas. Muitos pais que mantêm relações quase incestuosas com os seus filhos reagem agressivamente a qualquer interesse heterossexual adulto.

A família é vítima de duas crises simultâneas, a da adolescência que afecta o filho e a crise adolescente reactivada do pai. Numa análise da comunicação pais/adolescentes, a raiz dum conflito sexual pode ilustrar como ambas as partes desempenham os seus papéis conscientes e inconscientes em resposta a desejos e medos que permanecem implícitos mas raramente expressos verbalmente.

Pais e filhos sabem que os impulsos sexuais dos jovens constroem barreiras insuperáveis entre eles. Os pais invejam os filhos pois imaginam que este usufrui de satisfações das quais eles se privaram. Por outro lado, o filho reage colericamente porque o acusam de actividades que desejou realizar mas que não se atreveu pelas suas próprias inibições. Os pais projectam nos seus filhos as suas fantasias sexuais reprimidas e como consequência assumem uma atitude possessiva de protecção muitas vezes com comportamentos quase irracionais. Os jovens sentem-se impotentes perante estes comportamentos sufocadores do seu desenvolvimento. A rivalidade que se manifesta na família chega mesmo a criar situações perturbadoras no casal. Uma filha atractiva pode converter-se numa rival para a mãe que durante muitos anos teve um casamento frustrado. O estabelecimento de uma relação intensa e quase exclusiva com um dos pais, deixa no outro um sentimento de perda e de rivalidade. Esta rivalidade entre pais e filhos toma a sua expressão mais significativa nos períodos de crise dos adultos, por exemplo a menopausa, o terminar da vida reprodutiva o que coincide normalmente com o florescimento da sexualidade no filho.

Não há dúvida que a sexualidade do adolescente é um estímulo para a do adulto e que as atitudes familiares e da sociedade dificultam o crescer saudável do adolescente. Ele é invadido duplamente, por um lado as experiências novas do seu corpo, por outro o mundo externo que tenta impor-lhe os seus valores.

A definição do papel sexual é de primordial importância e a forma como é experienciada determina como o jovem adulto fará face no futuro à paternidade e à maternidade. O comportamento sexual do adolescente é vivenciado com sentimentos de ansiedade e de culpa, que ele terá de vencer através de sucessivas experiências de novos conhecimentos e esclarecimentos, apoio afectivo para atingir a sexualidade adulta livre e desculpabilizada. Uma maior liberdade de expressão sexual aumenta o número de alternativas para o jovem, contudo numa confusão de identidade a liberdade de escolha pode facilmente aumentar a ansiedade e as dúvidas. A desvalorização do comportamento sexual, a actividade genital sem intimidade, a masturbação compulsiva são algumas atitudes resultantes de uma identidade confusa.

O jovem de hoje não pode e não quer imitar a adolescência dos seus pais, é necessário que estes saibam como se relacionar com os seus filhos. Não podemos esquecer que o processo educativo sexualizado é um continuum ao longo do desenvolvimento da criança. Esta desenvolve-se

numa interacção estreita com a família e os companheiros. Os seus padrões e valores vão influenciar significativamente o adolescente. Por isso não devemos pensar que uma intervenção pontual, distante e teórica é suficiente para ajudarmos o adolescente neste processo difícil que é a sua maturidade sexual.

SERVIÇOS DE APOIO AOS ADOLESCENTES*

Dra. Suzie Hayman

De acordo com o último inquérito realizado em Inglaterra, 70% dos adolescentes com idades inferiores a 19 anos tiveram pelo menos uma experiência sexual, 22% das quais em idades inferiores a 16 anos (31% de rapazes e 13% de raparigas). Quando inquiridos sobre controlo de natalidade, 55% dessas adolescentes, sexualmente activas, afirmaram que nem sempre usaram um método contraceptivo, 8% usaram regularmente um método menos eficaz (como o "período seguro" a abstinência) e 8% declararam que nunca usaram qualquer método.

Durante 1980, em Inglaterra e no País de Gales, 96.500 adolescentes engravidaram; 35.500 abortaram, 18.500 tiveram casamentos forçados e 26.000 um filho ilegítimo.

Embora a educação sexual na Grã-Bretanha esteja presentemente mal adequada – e este seria um assunto sobre o qual se poderia falar uma manhã inteira – a maioria dos adolescentes tem alguns conhecimentos sobre contracepção, recolhidos principalmente de artigos de imprensa.

A "pilula" tem sido, em boa verdade, o sinónimo de "controlo de nascimento", uma vez que, ao que parece, é o único método que a maioria dos Editores consideram um assunto para inclusão nos seus jornais.

Isto tornou-se uma espécie de "estenografia" conveniente – a maioria das adolescentes que vão aos nossos Centros não vão procurar "controlo de natalidade" mas, sim, pedir a "pilula" – e é elucidativo sobre onde e como elas foram obter as suas informações.

Sendo assim – e uma vez que não são ignorantes sobre a "pilula" – elas usam-na, ou qualquer outro método, para evitar a gravidez? A resposta, claro, é não. A diferença de comportamento – que neste caso é grande – entre as adolescentes e as mulheres mais maduras, justifica plenamente a necessidade de existir um serviço específico para as mais jovens.

Os últimos dez anos corresponderam a uma mudança radical nos hábitos sexuais, principalmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

O sexo é aceite. O sexo é retratado como algo que a maioria das pessoas praticam e desfrutam com prazer... nos magazines, nos jornais, na televisão, no cinema e nos livros. Também, em artigos ou programas sérios, em conferências e, o que nos parece mais importante do que tudo, na publicidade.

*Brook Advisory Centres